

MATIAS MESQUITA

CENAS DE LEMBRANÇAS IMPERMANENTES

POR ANANDA CARVALHO

Cada imagem, som, narrativa, teoria, categoria me levaram a um novo encontro. O sublime no banal. A leveza no cotidiano. Eclipse do sujeito, do autor diante do mundo. Tudo se traduziu, por fim, em paisagens.

Denilson Lopes¹

CENA 1: Pode-se dizer que o trabalho de Matias Mesquita se inicia na contemplação do céu para, entre o efêmero e o duradouro, questionar-se sobre a impermanência. Em uma mirada rápida, seus registros de nuvens poderiam dialogar com uma tentativa de congelar momentos. Porém, é exatamente essa interpretação que o artista busca desconstruir. A produção das obras aqui em exposição demanda uma sobreposição de camadas, de materiais, mas também de passagem do tempo. Para Matias, é importante deslocar a pintura para além da superfície da tela. Suas imagens são composições que utilizam como suporte placas feitas com materiais aparentemente duráveis, como cimento, barro, blocos de concreto ou pedaços de tijolos, fazendo referência à arquitetura. Entretanto, seu processo de criação procura evidenciar uma certa ideia de ruína, principalmente em alguns trabalhos que trazem rachaduras nesses materiais. E, se a imagem da pintura inicialmente nos chama atenção, o que o artista propõe é o inverso: uma experimentação fugaz de ilustrar indícios do que não permanece.

¹ LOPES, Denilson. A Delicadeza: estética, experiência e paisagens. Brasília: Editora UnB/Finatec, 2007, p. 18.

CENA 2: Raphael Bianco discute o papel da imaginação na ativação da memória, elaborando uma narrativa de uma imagem quase em movimento. Para Raphael, ao contrário de Matias, é importante solicitar o espaço da tela para a pintura. As luzes que colorem suas obras conduzem a um jogo de dar a ver ficções de um passado que reivindica um lugar impermanente. O processo de criação da série presente nesta exposição coincidiu com a mudança de local do ateliê do artista. Nos gestos de desmontagem do ateliê, as memórias também se reorganizam, também são desmontadas. Em suas novas pinturas, Raphael procura perscrutar momentos fugidios de paisagens que embaralham objetos, lembranças e recorrências de trabalhos anteriores. Propõe uma fabulação daquilo que lhe escapa, mas que, talvez um dia, esteve presente. Nessas imprecisões, o óxido de ferro estabelece alterações cromáticas à revelia do artista, ressaltando a subjetividade e a efemeridade da construção da memória. As sombras apagam linhas, mas narrativas fragmentadas podem emergir de uma lembrança de quando a planta floresce, de quando a luz esteve rosada ou de quando uma garça azul pousou.

CENA 3: ... ou a sobreposição das lembranças. Ambos os artistas tratam de distintas perspectivas acerca da representação da ilusão e da impermanência. Matias procura desconstruir o ideal do que perdura na pintura realista e na fotografia. Raphael discute a memória, ativando rastros de uma arqueologia do que não está mais presente, do que poderia estar e do que realmente está. Esta exposição é um convite à contemplação, a observar e relembrar aquilo que não permanece nas formas pictóricas.